

# “MAS EU NÃO SOU TRAGICAMENTE UMA PESSOA DE COR”<sup>1</sup>: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE E RELAÇÕES DE PODER NO PENSAMENTO DE ZORA NEALE HURSTON

*“But I am not tragically colored”: reflections on identity and power relations in the thought of Zora Neale Hurston*

**Resumo:** O presente ensaio pretende discutir a partir dos textos “Como eu me sinto uma pessoa de cor” (Hurston, 2021a) e “O sistema ‘negro de estimação’” (Hurston, 2021b) parte do pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston e suas contribuições ao campo de estudos das relações de poder. O fio condutor do ensaio será as discussões propostas a partir de (Hurston, 2021b), de maneira a entender como esta é uma análise que consegue complexificar a relação racial – demarcando um sistema que possibilita diferentes possibilidades de relações de poder, sem negar as assimetrias e violências que perpassam a racialização dos sujeitos, mas com um olhar atento àquilo que escapa ao maniqueísmo dicotômico. Por outro lado, argumento que essa preocupação analítica sobre como se estrutura o racismo no Sul dos Estados Unidos na primeira parte do século XX só se torna possível a partir da autopercepção de Hurston sobre sua condição de humana marcada enquanto pessoa negra (Hurston, 2021a).

**Abstract:** *This essay aims to discuss, based on the texts “How It Feels to Be Colored Me” (Hurston, 2021a) and “The Pet Negro System” (Hurston, 2021b), part of the thought of Black anthropologist Zora Neale Hurston and her contributions to the field of power relations studies. The main thread of the essay will be the discussions proposed in (Hurston, 2021b), in order to understand how this analysis manages to complexify racial relations—marking a system that enables different possibilities of power relations without denying the asymmetries and violences that permeate the racialization of subjects, but with a careful eye on what escapes dichotomous Manichaeism. On the other hand, I argue that this analytical concern about how racism is structured in the Southern United States in the first part of the 20th century is only possible from Zora’s self-perception of her condition as a Black person (Hurston, 2021a).*

## INTRODUÇÃO

Tenho em mim, como todas as outras pessoas negras deste país, as marcas de um processo de racialização (e assim, de poder) que é externo à minha vontade. Tenho tirado de mim o sentido universal da humanidade e marcado a particularidade do diferente. E assim, enquanto um pesquisador em formação, que não por acaso é negro, tenho uma quase necessidade de pesquisar temáticas racialmente informadas. Nas idas e vindas da formação acadêmica, tive acesso às obras da antropóloga Zora Neale Hurston, em uma matéria que agora passa a compor este dossiê com seus trabalhos finais<sup>2</sup>, e nela reencontro um caminho, ou melhor, um olhar, sobre as relações raciais que deverão me acompanhar enquanto a pesquisa ainda me for uma opção.

O presente ensaio-ressenha pretende discutir a partir dos textos “Como eu me sinto uma pessoa de cor” (Hurston, 2021a) e “O sistema ‘negro de estimação’” (Hurston, 2021b) parte do pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston. Interessado no campo de estudos sobre relações de poder, o intuito desta escrita é trazer à cena como a discussão realizada por Hurston traz um olhar sobre as relações raciais<sup>3</sup> que não cristaliza o ser negro às suas mazelas, pelo contrário, subverte o debate ao conferir pluralidade aos seres negros, negando assim, a mazela como condição básica e dada de antemão, sejam nas análises

científicas ou ainda na reificação do negro a partir do olhar do branco, da vida de todas as pessoas negras.

Nesse sentido, o fio condutor do ensaio será as discussões propostas a partir do texto do “O sistema ‘negro de estimação’” (Hurston, 2021b), de maneira a entender como esta é uma análise que consegue complexificar a relação racial – demarcando um sistema que possibilita diferentes possibilidades de relações de poder, sem negar as assimetrias e violências que perpassam a racialização dos sujeitos, mas com um olhar atento àquilo que escapa ao maniqueísmo dicotômico. No entanto, anterior a esta discussão, pretendo argumentar que essa preocupação analítica sobre como se estrutura o racismo no Sul dos Estados Unidos na primeira parte do século XX só se torna possível a partir da autopercepção de Zora sobre sua condição de humana marcada enquanto pessoa negra (Hurston, 2021a).

## “A OPERAÇÃO FOI BEM SUCEDIDA E O PACIENTE ESTÁ INDO BEM, OBRIGADA”<sup>4</sup>

Quando contemporaneamente pensamos em identidades, pensamos de maneira relacional, contextual e contingente (Hall, 2000; Haraway, 2009; Brah, 2006), ou ao menos deveríamos pensá-las assim, suspeito. Mas há algo que foge às discussões teóricas, ainda que por elas eu me en-

Pedro Lima Martins de Souza  
Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Contato  
pedro\_limamartins@hotmail.com

**Palavras-chave:**  
Zora Neale Hurston, Identidade, Relações raciais e Relações de poder.

**Keywords:**  
Zora Neale Hurston, Identity, Racial relations and Power relations.

1 Hurston (2021a, p. 47)

2 E aqui fica o agradecimento às Professoras da matéria. Pelo zelo com o fazer acadêmico, com o fazer científico e pelo tensionamento de uma estrutura racialmente estabelecida como a universidade. Mas principalmente por me apresentar uma autora da envergadura de Zora Neale Hurston, em um movimento que talvez não me fosse oferecido em outro contexto se não por professoras negras e/ou com apoio de pessoas brancas aliadas.

3 Aqui visto como inerentemente relações de poder.

4 Hurston (2021a, p. 48)

5 Zora Neale Hurston compõe seu próprio tempo assim como o mais reacionário de sua época, bem como nós compomos o nosso tempo de maneira diversa. E negar isso, faz do elogio a pessoa analisada também uma possibilidade de desculpa pela mediocridade e cumplicidade de outros que a ela foram contemporâneos.

6 Hurston (2021b, p. 93). A proposição dela, ainda que num tom crítico, de propor uma possível abertura de vida às pessoas negras do sul estadunidense, causa reações de revolta, ela deve ter bebido vinho ou sido picada por uma cobra para tal devaneio.

contre e oriente, há ainda em mim, aquele que escreve esse texto, um incômodo (que não é sequer único, mas que, como com outros, me traz à reflexão): como superar o dilema de que ao falar de vida, ou de possibilidades de felicidade para uma pessoa negra frente a um contexto histórico e atual de sujeição racial, não seja uma forma de reduzir ou tirar a centralidade do racismo?

Como eu disse, esse incômodo sequer é único e muito menos restrito ao hoje: em um contexto de forte segregação racial como o estadunidense do início do século passado, alguns autores negros pareciam incomodados com a forma com a qual Hurston escrevia seus textos, seja por uma possível exotização dos negros para um público branco fascinado ou ainda, e aqui mais alinhada à nossa discussão, por minimizar a seriedade do preconceito racial nos Estados Unidos (Alves; Ferreira; Santos, 2019). Acredito eu, no entanto, que se a autora não nos dá a resposta de como superar esse dilema, ela nos aponta o caminho em "How it feels to be colored me [1928]" (2021a). Aqui trago o título em inglês para lembrarmos que ela nos aponta que o processo de racialização é sempre externo e imposto, não foi ela que se coloriu, ela foi colorida.

O preconceito racial não é menosprezado quando Hurston nos diz que ela "não é tragicamente uma pessoa de cor" (*ibid.*, 2021a, p. 47), nem quando ela se afirma empolgada com suas possibilidades de vida após seus antepassados terem sido escravizados, ou mesmo quando nega ser da (sofrida) escola da vizinhança negra que vive por reafirmar seu sofrimento. Pelo contrário, há em sua celebração e ironia diante da vida uma negação absoluta ao local que se quer a ela imposto. Há em sua estima enquanto pessoa, uma reversão frente ao racismo que talvez, o local da denúncia, por si, não consiga alcançar. Pois é nessa ousadia que Hurston consegue ela mesma fazer do branco o outro, pelo menos é o que ela tenta nos passar: assim o fez quando ainda criança (antes de ser negra) e assim o fez quando uma mulher negra. Se não, o que seria então os momentos nos quais ela trata os viajantes brancos enquanto seres observados de sua infância, ou mesmo seus relatos sobre como um amigo branco não conseguia sentir o *jazz*?

Discussões contemporâneas, às vezes são pessimistas sobre as possibilidades de enfrentamento ao racismo por meio da reafirmação da raça, como faz Mbembe (2018) ou ainda, um pouco antes, também críticos a uma noção de raça essencializada (Hall, 2003) e apontam que talvez outros paradigmas de análise e de luta precisam ser pensados. Mas em 1928, quando Hurston minimiza supostamente o preconceito racial, ela também "se apresenta como um indivíduo universal, que por acaso é negro, e que vê na cor de sua pele sua própria individualidade e originalidade" (Alves; Ferreira; Santos, 2019). Portanto, se há uma negação do problema, esta se dá de maneira mais ou menos consciente de um problema que precisa ser enfrentado de uma forma que não reafirme uma posição de sofrimento.

Assim, gostaria de pontuar Zora Neale Hur-

ston, não como uma mulher à frente do seu tempo<sup>5</sup> por trazer discussões também neste sentido, mas como uma pessoa de seu tempo que tem discussões que são ainda hoje centrais, devido tanto a qualidade dos seus escritos quanto ao atraso do escrito dos outros (este atemporal). Mas de volta aos "outros paradigmas de análise e de luta que precisam ser pensados", é no "O sistema 'negro de estimação'" (Hurston, 2021b) que quero agora voltar à atenção.

### "TALVEZ ELA TENHA BEBIDO UM VINHO NOVO QUE PICOU-A COMO UMA COBRA?"<sup>6</sup>

Em "O sistema 'negro de estimação'" (Hurston, 2021b), Hurston tenta fazer uma análise de como se estruturava as relações raciais no sul dos EUA, local conhecido pela forte segregação racial e situação de vulnerabilidade do negro. Já no título de seu escrito fica evidente uma contradição que nos parece central, sendo o negro sujeito à estima do branco, ele seria passível de humanidade, mas, sendo ainda um negro de estima, ("Pet Negro") seria sua estima equivalente à de um animal? Bom, acredito que a ironia serve a ambos os extremos da contradição, a proposição de Hurston tanto desnaturaliza o que seria uma guerra das raças, quanto demarca firmemente que este é um sistema de poder e que o sujeito que, à priori, é detentor de estima a se distribuir é o branco. Nesse sentido, a partir desta contradição a autora consegue propor uma abordagem que complexifica as relações de poder, ou mais especificamente as relações raciais.

Mais interessado do que entender como opera o sistema negro de estimação proposto pela autora, estou interessado nos pressupostos dos quais partem Hurston. "Acontece que há mais pontos de vista racial nesse negócio de adscrição do que já se foi colocado para o público, branco, preto ou misturado" (*ibid.*, 2021b, p. 93). Ou seja, a análise da relação de poder não está dada de antemão, a sujeição/adscrição racial pode tomar outras formas que não aquelas já então debatidas, e isto deve ser observado conjunturalmente e sem moralismo, segundo a autora. Caso contrário, há de se conformar inclusive com a ineficácia de um discurso político que não leve em consideração nuances específicas que escapam "à retórica dos campeões da causa negra" (p. 93).

Neste sentido, o interesse se firma nos pressupostos analíticos antes do que na própria análise em si, por entender que estas conjunturas não são replicáveis em diferentes espaços e muito menos em diferentes tempos, já os pressupostos podem e devem ser levados à diante. Não ao contrário, entendo que análises contemporâneas das relações de poder, sejam elas quais forem, são mais ricas quando analisam a construção tanto das identidades quanto das assimetrias de poder construídas em processo e localizadas historicamente e contextualmente (Mohanty, 2020; Brah, 2006).

Dito isso, ainda assim, considero importante, mesmo que apenas em caráter de exemplo, pontuar de que maneira a análise feita por Hurston traz à tona outras questões em torno das rela-

ções raciais naquele contexto. Na minha leitura, o ponto central da análise parte da percepção da autora que as relações raciais no Sul dos EUA se conformam de maneira distinta da outra parte do país<sup>7</sup>, e isto se daria pela maneira como o Sul é marcado antes por uma preocupação que diz respeito ao indivíduo em si frente a um norte pretensamente preocupado com o coletivo. A partir deste momento, a análise passa a propor que relações estabelecidas em pequena escala, par a par, poderiam ser concebidas alguma espécie de estima por parte do sujeito branco por um sujeito negro, sem assim transpor o racismo da sociedade, pois essa relação só se estabeleceria especificamente.

Este sujeito negro que, porventura, viesse ter essa admiração de um branco específico, seria ali considerado um humano, ainda que todos os outros não fossem. O pulo do gato na análise da autora é que, desta maneira, ela consegue transpor uma difícil barreira que é a de analisar uma estrutura (por isso ela está discutindo um "sistema") ao passo que se observa como essa estrutura é construída em processo a partir dessas relações "individuais". Fora o mérito de ser ela bem-sucedida ou não em sua empreitada, apenas a percepção de que é necessário observar as duas frentes já é de se saltar os olhos. Ainda nessa análise, ela consegue pontuar alguma autonomia do sujeito negro que está em uma posição de vantagem sobre os demais, e como este muitas vezes escolhe estar ali. Sendo assim, Hurston está falando que existem negros bem-sucedidos no sul dos EUA e denuncia, ao mesmo tempo, o olhar exotizante dos brancos do norte que olham para os negros do sul com a condescendência de que ali há apenas miséria e sofrimento.

Por outro lado, ainda dentro da análise do contexto, a autora consegue pontuar o porquê mobilizações políticas que se pautem apenas a partir do desentendimento e da denúncia do outro como inimigo serão sempre falhas, pois desconsideram relações de amizade e de estima construídas entre as distintas pessoas. Por fim, ironicamente, ao mesmo tempo que ela aponta como as pessoas negras muitas vezes não se revoltam por terem elas próprias consciência de como o sistema negro de estimação é maleável, é neste mesmo sistema, nos quais algum tipo de estima é possível, que talvez exista alguma esperança de paradigma frente a sujeição racial.

### **"(...) ESSES NEGROS EM SITUAÇÕES CONFORTÁVEIS E SATISFEITOS SÃO TÃO REAIS QUANTO OS NEGROS": CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Feita breve discussão, o intuito da escrita deste ensaio/resenha é de destacar que há aqui uma continuidade de pensamento: sendo o "Como eu me sinto uma pessoa de cor" originalmente escrito em 1928 e "O sistema 'negro de estimação'" escrito em 1943, reafirmo que a sua concepção de não homogeneidade da vida de pessoas negras e de, inclusive, pessoas negras bem sucedidas em contextos de forte preconcei-

to racial só se torna possível de conceber a partir do momento em que 15 anos antes a autora já trilhava um caminho no qual se negava a conceber sua humanidade restrita à seu processo de racialização.

Por fim, é espaço para se pensar ainda em outras questões não debatidas, como, por exemplo, a discussão feita por Hurston (2021b) sobre como a representação política negra muitas vezes pode ser dada de maneira a privilegiar algum indivíduo negro e não a comunidade negra, sendo este lugar de representação institucional ou não. É espantosa a atualidade das questões levantadas pela autora. O desafio é pensar a partir de então o nosso contexto de relações raciais informado também pelo seu pensamento.

**7** Aqui não entrarei no mérito da questão, pois não conheço o contexto nem os estudos da época.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Érica Fernandes; FERREIRA, Geniane Diamante Ferreira; SANTOS, Célia Regina dos. Identidade e subjetividade no ensaio How it feels to be colored me, de Zora Neale Hurston. **Revista Humanidades e Inovação** – Literatura Moderna e Contemporânea: Paisagens Culturais de Classe, Gênero, Etnia e Pós-Coloniais II, Palmas, v. 6, n. 5, p. 42–50, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1016>.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329–376, jan. 2006.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: TOMAZ, Tadeu (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 37–129.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103–133.

HURSTON, Zora Neale. Como eu me sinto uma pessoa de cor. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021a. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/658>.

HURSTON, Zora Neale. O sistema “negro de estimação”. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021b. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/652>.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. [S. l.]: n-1 edições, 2018.

MOHANTY, Chandra Tapalde. Sob olhos ocidentais: Estudos feministas e discursos coloniais. In: MOHANTY, Chandra Tabalde. **Sob olhos ocidentais**. Tradução Ana Bernstein. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2020, p. 7–34.